

LEGADOS ESPORTIVOS DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS: uma revisão da literatura¹

Doralice Lange de Souza²
Sakis Pappous³

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar um levantamento da literatura sobre legados esportivos de megaeventos esportivos. Utilizamos as seguintes palavras chave e seus correspondentes em inglês: megaevento esportivo; legado; legado esportivo. Apresentamos os principais estudos disponíveis, dedicando especial atenção ao caso Londres 2012. Também sintetizamos recomendações voltadas à construção de legados esportivos positivos para futuras cidades/países sede. Concluímos que pesquisas sobre a temática são de natureza extremamente complexa e que não existem evidências científicas suficientes comprovando a existência de uma correlação entre a realização destes eventos e o envolvimento da população com atividades físicas e esportivas.

Palavras-chave: megaeventos esportivos; legados esportivos; revisão de literatura.

1 Este estudo foi financiado pela Fundação Araucária.

2 Doutora em Educação. Harvard University. Curitiba/Paraná, Brasil. E-mail: desouzdo@post.harvard.edu.

3 Senior Lecturer Director of Graduate Studies School of Sport and Exercise Science University of Kent, UK, Reino Unido. E-mail: sakis.pappous@gmail.com

INTRODUÇÃO

Megaeventos esportivos são eventos de caráter extraordinário, de grande escala (envolvem um grande número de participantes de diferentes nações), e que, a despeito do significativo período de tempo necessário para a sua preparação, se efetivam em um curto período de tempo (ROCHE, 2000). Eles são amplamente divulgados pela mídia internacional e assistidos por milhares de pessoas ao redor do mundo (ROCHE, 2003). Possuem um alto grau de complexidade organizacional e envolvem a mobilização de organizações nacionais e internacionais, governamentais ou não governamentais, de caráter público e privado (MALFAS; THEODORAKI; HOULIHAN, 2004; ROCHE, 2000). Normalmente envolvem grandes investimentos em infraestrutura (HALL, 2006) e geram um impacto social e ambiental significativo nas cidades, regiões e países anfitriões antes e depois de sua efetivação (MALFAS; THEODORAKI; HOULIHAN, 2004; ROCHE, 2003). Estes eventos se constituem em importantes “marcadores de tempo, história e progresso” (ROCHE, 2003, p.102) e interferem com o senso de identidade e cidadania (ROCHE, 2000) das pessoas que vivem nas cidades, regiões e países onde ocorrem.

Já legado é “estrutura planejada ou não, positiva ou negativa, tangível ou intangível que foi ou será criada através de um evento esportivo e que permanece depois do mesmo” (PREUSS, 2006, p. 3, tradução nossa). Observe que, quando se fala estrutura neste contexto, se entende tudo o que é criado ou modificado como consequência da realização do megaevento, como por exemplo, infraestruturas, desenvolvimento de habilidades e educação, imagem,

emoções, redes de interação e valores culturais. Quando se fala em legados tangíveis e intangíveis, vale citar a seguinte passagem do Comitê Olímpico Internacional (COI) que esclarece estes conceitos:

Os efeitos de legados possuem muitas dimensões e aspectos, variando de aspectos mais comumente reconhecidos - arquitetura, planejamento urbano, marketing da cidade, infraestruturas esportivas, desenvolvimento da economia e do turismo - para outros que são tão importantes quanto, se não mais importantes, mas que são menos reconhecidos. Em particular é necessário se ressaltar a importância dos legados intangíveis tais como a produção de ideias e de valores culturais, experiências interculturais e experiências de inclusão (baseadas em gênero, etnia e habilidades físicas), memória popular, educação, arquivos, esforço coletivo e voluntariado, novos praticantes de atividades esportivas, reconhecimento em escala mundial, experiência e know-how, etc. Estes legados intangíveis também agem como um motor para os legados tangíveis para se desenvolver um legado de longo prazo (IOC, 2003, p. 2, tradução nossa).

Planejados ou não, os megaeventos esportivos, e dentre eles, os Jogos Olímpicos, sempre produziram legados (CASHMAN, 1998; HUGHES, [2010?]). O planejamento de legados, no entanto, começou a se dar de forma mais efetiva a partir de 2002, em decorrência das críticas que o COI passou a sofrer devido a prejuízos que os jogos causaram a vários países hospedeiros. Em 2002 houve um simpósio onde participaram membros do COI e mais de 150 experts da comunidade internacional envolvidos com os Jogos Olímpicos. A partir deste evento foi criado um documento (IOC, 2003a) onde se apresenta a necessidade de planejamento de longo prazo para o

desenvolvimento de legados. Esta demanda aparece na Carta Olímpica de 2003 (IOC, 2003b) e hoje faz parte do processo de avaliação tanto da seleção do país que sediará os jogos quanto da avaliação dos resultados dos mesmos (HUGHES, [2010?]; GIRGINOV; HILLS, 2012). Embora exista grande expectativa em torno da construção de legados a partir da candidatura de uma determinada cidade/região/país para se sediar um megaevento esportivo, as cidades e países que se propõem a hospedá-los precisam avaliar cuidadosamente se hospedar um megaevento esportivo é uma forma inteligente de se investir recursos públicos (PREUSS, 2006). Se por um lado a preparação de uma cidade ou país para hospedar um evento desta magnitude pode motivar e acelerar ações que promovem a construção de um legado, por outro lado, a pressão em torno da preparação para o evento pode prejudicar o planejamento das ações, levar à criação de estruturas desnecessárias e, impedir a otimização de recursos públicos que poderiam de outra forma ser utilizados para o bem estar da população como um todo no longo prazo.

Embora haja um número de trabalhos que discutam legados positivos e negativos de megaeventos esportivos no âmbito econômico e social, são poucos os estudos sobre legados no âmbito esportivo, e mais especificamente nos níveis de atividade física (AF) e esportiva da população em geral (COALTER, 2004; DONNELLY *et al.*, 2008; HINDSON; GIDLOW; PEEBLES, 1994; THE NEW ZELAND TOURISM INSTITUTE, 2007; WEED *et al.*, 2012). A avaliação de impactos no âmbito esportivo é extremamente difícil. Muitas variáveis interferem com o engajamento da população nestas atividades. Desta forma, fica

difícil, se não impossível, atribuir-se uma relação de causa e efeito entre a realização de um dado evento e os níveis de AF e esportiva da população (ex. LONDON EAST RESEARCH INSTITUTE, 2007; MCCARTNEY *et al.*, 2010; THE NEW ZELAND TOURISM INSTITUTE, 2007; WEED, 2010). Outra barreira para os estudos na área é que, como existe grande variação nos protocolos de pesquisa que levantam os níveis de AF da população, fica difícil comparar os níveis pré e pós-eventos (VEAL; TOOHEY, 2005). Dos poucos estudos publicados sobre a temática, muitos têm sido questionados devido a questões metodológicas e/ou ideológicas. Ou seja, indaga-se sobre a validade de alguns estudos pelas razões acima e/ou por terem sido “encomendados” por partes interessadas tanto do governo quanto de instituições com interesses na divulgação de resultados positivos acerca dos eventos realizados.

Considerando a escassez de pesquisas sobre legados esportivos e considerando que o Brasil estará em breve sediando a Copa do Mundo em 2014 e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos em 2016, o objetivo do presente trabalho é o de apresentar os resultados de uma pesquisa bibliográfica não sistemática onde levantamos os principais estudos de cunho acadêmico, publicados sobre o tema que têm servido como base para trabalhos sobre a temática. Em um primeiro momento abordaremos os trabalhos que envolveram pesquisa empírica e a seguir, apresentamos alguns estudos de revisão. Na sequência apresentaremos os principais dados disponíveis sobre o caso Londres 2012. Daremos especial atenção a este caso, uma vez que a promoção dos níveis de atividade física da população como um todo, foi pela primeira vez na história dos Jogos, um dos

“carros-chefes” da intenção de construção de legados. Para finalizar, fazemos uma síntese das recomendações para a otimização da criação de legados a partir dos estudos analisados. Esperamos que este estudo possa subsidiar futuras pesquisas na área e o desenvolvimento de políticas públicas e ações que visem à construção de legados positivos para o Brasil⁴.

Para o levantamento da literatura tomamos como base as seguintes palavras chave: megaevento esportivo; legado; legado esportivo e os correspondentes destes termos na língua inglesa e no plural. A partir deste levantamento, selecionamos os artigos que discutem mais especificamente legados esportivos de megaeventos esportivos. Estes estudos nos levaram a outros estudos e dentre eles, trabalhamos com os mais citados no meio acadêmico.

Estudos sobre legados esportivos

O estudo acadêmico empírico mais antigo e citado na área foi realizado por Hindson, Gidlow e Peebles (1994). Eles desenvolveram uma pesquisa questionando o pressuposto de que a participação e/ou sucesso em grandes eventos esportivos gera um resultado denominado de *“trickle-down effect”* (efeito cascata). Em outras palavras, eles investigaram se a participação ou sucesso em grandes eventos é capaz de inspirar associações, técnicos e administradores esportivos a promover mais envolvimento com o esporte recreativo e local, já que promessas em relação a este tipo de efeito têm justificado altos investimentos no

esporte de alto rendimento. Este estudo foi desenvolvido na Nova Zelândia entre 1992 e 1993, logo após a participação do país nos Jogos Olímpicos de inverno de Albertville e dos Jogos Olímpicos de Verão de Barcelona, 1992. A pesquisa envolveu 35 clubes esportivos da região de Christchurch na Nova Zelândia, organizações esportivas, organizações públicas que promovem recreação, e administradores esportivos no nível nacional. Os autores chegaram às seguintes conclusões/recomendações: a maioria dos clubes não otimiza o momento da realização dos jogos para promover atividades esportivas; embora o público desenvolva conhecimentos sobre diferentes tipos de esporte, o engajamento das pessoas em atividades esportivas raramente aumenta; tanto os clubes quanto as organizações esportivas nacionais precisam passar a capitalizar as oportunidades de promover o esporte diante de grandes eventos esportivos. Eles também concluíram que, contrariamente ao que se acredita, o exemplo de heróis esportivos ao invés de inspirar as pessoas a se engajarem mais em atividades esportivas, pode gerar resistência em relação ao envolvimento nestas atividades, pois existe uma grande lacuna entre excelência esportiva e o que pessoas comuns (não atletas) se sentem capazes de realizar.

Outro estudo conhecido em relação a legados esportivos é o de Truño (1995). De acordo com o autor, o maior legado dos Jogos Olímpicos de Barcelona de 1992, do ponto de vista esportivo, foram as instalações esportivas criadas para os Jogos. O autor explica que, ao planejar estas instalações, a cidade buscou um balanço entre

4 Este artigo é uma extensão e aprofundamento de um trabalho apresentado no CONBRACE 2013.

reforma e construção de novas estruturas. A cidade optou por não construir uma vila olímpica. A mesma distribuiu os centros olímpicos em diferentes localidades, onde havia mais necessidade de estruturas para o fomento da prática esportiva e onde poderia se facilitar um processo de regeneração urbana e equilíbrio territorial. Segundo Truño, outro legado importante para a cidade foi o aumento dos níveis de AF por parte da população. Esta última informação, no entanto, é bastante questionável, uma vez que o autor não apresenta dados confiáveis que a confirmem.

Pappous (2011) também desenvolveu um trabalho empírico discutindo a relação entre megaeventos esportivos e a prática de atividade física que se tornou referência. Este autor comparou informações sobre os níveis de AF da população grega em 2003, um ano antes dos Jogos de Atenas 2004, logo após os Jogos em 2004, e em 2009 através de dados levantados pelo Eurobarometer, que é uma pesquisa desenvolvida em todas as nações participantes da União Europeia. Este estudo se utiliza de uma amostra representativa de pessoas acima de 15 anos de idade, de diferentes idades, de cada país participante da União. A pesquisa é desenvolvida através de entrevistas presenciais nas casas e na língua nativa das pessoas. Segundo a mesma, embora os níveis de AF tenham aumentado no ano seguinte da realização dos jogos, de 2003 para 2004 os níveis de AF aumentaram em 6%, em 2009, os mesmos caíram significativamente para níveis inferiores aos de 2003 (período pré-jogos). Esta pesquisa também demonstrou que os níveis de sedentarismo (pessoas que declararam que nunca fazem AF) caíram significativamente de 2003 para 2004 de 75% para 57%. No entanto, em 2009 os

níveis de sedentarismo subiram novamente para 67%. O autor ressalta que o aumento nos índices de AF pode estar relacionado não somente com a realização dos Jogos Olímpicos de 2004, mas também com o fato da Grécia, de forma inédita, ter ganhado o Campeonato Europeu de Futebol. Uma das hipóteses levantadas pelo autor é que houve uma espécie de “*fire-work effect*” (efeito pirotécnico). Ou seja, as pessoas se inspiraram de forma significativa para a prática de AF com os campeonatos, mas logo perderam esta inspiração. Uma das limitações deste estudo é que houve variação nas questões levantadas nas diferentes edições do Eurobarometer. Desta forma, uma comparação válida dos dados levantados nas diferentes edições pode ter sido comprometida.

O TheNew Zealand Tourism Research Institute (2007) publicou um documento sintetizando as principais publicações na área, uma bibliografia anotada sobre os principais impactos de grandes eventos esportivos nas seguintes áreas: econômica, sociocultural e ambiental. Mais especificamente sobre os impactos da realização destes eventos nos níveis de AF da população, as principais conclusões deste estudo são as seguintes: (1) Embora estes eventos possam aumentar a intenção das pessoas em se engajar em atividade física, eles por si próprios não são suficientes para promover mudanças de comportamento neste sentido. (2) O envolvimento em atividades físicas e esportivas por parte da população normalmente não sofre um aumento a não ser que exista um planejamento e ações voltadas para que isto aconteça no longo prazo. (3) As organizações esportivas tendem a não estar preparadas para otimizar as oportunidades de promoção do esporte a partir da realização de eventos esportivos.

Outro trabalho de referência foi desenvolvido pelo EdComs (2007). Este estudo teve como objetivo verificar de que forma os megaeventos podem modificar comportamentos e ações em diferentes áreas, como por exemplo: promoção do país; sustentabilidade; envolvimento de jovens em atividades culturais e voluntariado; e envolvimento da população com atividades físicas e esportivas. De acordo com o mesmo, as pesquisas sobre a capacidade destes eventos de promover os níveis de atividades físicas e esportivas da população são inconclusivas. Embora em alguns casos, como por exemplo, nos Jogos Olímpicos Sidney 2000 e nos *Commonwealth Games* de Manchester em 2002 tenha havido um aumento de engajamento em atividades esportivas por parte de jovens, o mesmo não ocorreu com adultos. Também de acordo com este estudo, o sucesso de atletas e times nacionais pode ter um impacto nos níveis de engajamento de indivíduos nos esportes campeões. No entanto, não se sabe se o impacto destes eventos, atletas e esportes campeões são sustentáveis no longo prazo. Desta forma, o EdComs recomenda que para que o impacto dure no longo prazo, o país necessita disponibilizar estruturas e promover programas de atividades físicas e esportivas para a população em geral. Atletas como “modelos esportivos” também podem ser importantes no sentido de ajudar as pessoas a se manterem motivadas para a prática.

Ainda outro estudo de referência foi desenvolvido pelo London East Research Institute (2007) que realizou uma revisão da literatura e de documentos visando levantar os impactos dos Jogos Olímpicos de Barcelona 1992, Atlanta 1996, Sidney 2000 e Atenas 2004, abordando nas seguintes áreas: aspectos econômicos; políticas e práticas ambientais; questões social, cultural

e de estilo de vida. Considerando as áreas da AF e do esporte, a principal conclusão deste estudo foi a de que, embora não existam evidências de que megaeventos esportivos aumentem o engajamento das pessoas em atividades físicas e esportivas, os países anfitriões tendem a trabalhar com o pressuposto de que os mesmos vão ter um impacto positivo neste sentido. Ou seja, os países sede tendem a partir da premissa de que os Jogos geram um ciclo virtuoso, tal como apregoa a Carta Olímpica (IOC 2004): o “esporte para todos” alimenta o esporte de elite, que por sua vez inspira as pessoas a se envolverem mais com o esporte. Tende-se a acreditar que o fato dos atletas servirem como modelos, a infraestrutura e a experiência mobilizadas para a organização dos jogos, bem como a ampla divulgação de esportes olímpicos pela mídia, são chaves neste processo.

Weed *et al.* (2009) é outra revisão bastante citada quando o assunto é legados de megaeventos esportivos. Este estudo se consistiu em uma revisão sistemática da literatura que incluiu tanto diferentes edições dos Jogos Olímpicos e da Copa do Mundo, quanto outros grandes eventos esportivos, como, por exemplo, os *Commonwealth Games*. Os autores chegaram às seguintes conclusões no que diz respeito à relação destes eventos e a prática da AF: (1) A realização destes eventos potencialmente gera a criação de espaços e equipamentos esportivos, que por sua vez, podem ter um impacto no envolvimento da população, principalmente crianças e jovens, em AF. (2) Não se sabe ao certo se o esporte de rendimento pode causar um “trickle-down effect”, ou seja, um “efeito cascata” no sentido de inspirar as pessoas a praticar atividade física. Quando este efeito

ocorre, ele tende a se manifestar em pessoas já praticantes de AF e em casos onde outras iniciativas motivam a prática. (3) Embora o exemplo de atletas de alto nível possa inspirar pessoas de suas comunidades locais a se engajarem mais em atividades esportivas, não existe comprovação de que existe uma relação entre sucesso no esporte de rendimento e maior participação das pessoas em geral em atividades esportivas. Existem algumas evidências de que o “gap” (diferença) percebida entre o que o indivíduo consegue realizar e o que o atleta de alto rendimento realiza pode inibir a prática esportiva. (4) Não existem evidências de que a realização de megaeventos esportivos possui um impacto duradouro nos níveis da prática de AF. (5) O evento sozinho não promove os níveis de AF nas comunidades. Atividades complementares devem ser planejadas e desenvolvidas para que se possa alavancar a prática da AF.

Ainda outro estudo de revisão que tem servido como referência foi desenvolvido pelo UK Sport (2011). Este estudo avaliou se a participação como espectador de três grandes eventos esportivos na Inglaterra no verão de 2010 – “Women’s Hockey Champions Trophy em Nottingham”, “Triathlon World Championships Series” em Hyde Park, London, e “IRB Women’s Rugby World Cup em Guildford and Twickenham” – de forma presencial, ou através dos meios de comunicação de massa, em 2010, foi capaz de inspirar as pessoas a se envolverem mais em atividades esportivas. Os autores concluíram que o fato de se assistir grandes eventos esportivos é capaz de inspirar tanto aqueles que já são envolvidos com algum tipo de esporte quanto sedentários, sendo que os primeiros e o público mais jovem (até 25 anos) normalmente se sentem

mais inspirados. Este estudo, no entanto, não verificou até que ponto a inspiração em relação à atividade física se traduz em envolvimento neste tipo de atividade, uma vez que muitos fatores podem interferir com processos de mudança de comportamento dos indivíduos. A principal conclusão deste trabalho é que grandes eventos esportivos, com a ajuda da imprensa, são um poderoso meio de se promover interesse no esporte. Entretanto, sozinhos não conseguem aumentar os níveis de atividade física da população, a não ser que existam programas que possam manter o interesse da mesma neste tipo de atividade.

Veal et al. (2012) desenvolveram uma pesquisa sobre grandes eventos esportivos na Austrália, e sobre os Jogos de Sydney (2000), Copa do Mundo de Rugby (2003) e Melbourne Commonwealth Games (2006). Os mesmos concluíram que Sydney demonstrou um leve aumento na participação em atividades físicas e esportivas principalmente em eventos não Olímpicos, onde houve um maior investimento no desenvolvimento de programas esportivos de base. Estes resultados, no entanto, são especulativos, uma vez que segundo os próprios autores, não existe uma coleção de dados consistentemente levantados e mantidos sobre a temática. Além disto, não se tem como se estabelecer uma correlação de causa e efeito entre a realização de um megaevento e o envolvimento da população em atividades físicas e esportivas. Faz-se interessante notar que, segundo os pesquisadores, o suposto “trickle-down effect” (efeito cascata) advindo de megaeventos esportivos pode se dividir em duas categorias: A primeira pode derivar de uma rota onde os indivíduos se sentem inspirados para participar ao observarem ídolos esportivos.

A segunda, pode se dar a partir de uma via indireta, onde participação é promovida através do desenvolvimento e investimentos no esporte e atividade física por parte do governo e organizações esportivas

O caso “Londres 2012”

Ao ganhar a candidatura para sediar os Jogos Olímpicos em 2005, o presidente do então Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos (LOCOG), Lord Coe, prometeu que os Jogos iriam “inspirar uma geração”. A meta da Inglaterra era a de tornar dois milhões de pessoas mais fisicamente ativas até 2012, através do fomento da participação da população em geral em atividades físicas e esportivas (DEPARTMENT FOR CULTURE, MEDIA AND SPORT, 2007). Um ano após a realização dos jogos aquele país ainda se indaga se esta meta se concretizou. Abordaremos a seguir os dois principais estudos que têm endereçado esta questão: o Active People Survey (APS) e o LGA Council Survey.

O APS tem realizado coletas de dados anuais em toda a Inglaterra desde 2005. Estapesquisatem incluído, a cada ano, mais 175.000 indivíduos, tendo como margem de erro 0,2% (THE COWAN GLOBAL, 2011). De acordo com o APS7, que comparou os dados de 2005 com dados publicados em 2013 (abril de 2012 a abril de 2013), 1,4 milhões a mais de pessoas se envolveram em atividades físicas e esportivas de forma regular. Questiona-se, no entanto, se este aumento está de fato

relacionado com os Jogos ou com o aumento da população. Também segundo o APS, a participação de pessoas com deficiência em atividades físicas e esportivas aumentou em 2,9%: de 15,1%, em 2005/2006 para 18.2 % em 2012/2013. Por outro lado, a percentagem da população a realizar atividade física por pelo menos 30 minutos, com intensidade moderada de uma a três vezes por mês diminuiu de 7% para 6,6%. De forma similar, a participação em atividade moderada de quatro a sete vezes por mês diminuiu de 11,1% para 10,7% (SPORT ENGLAND, 2013). As autoridades locais atribuíram estes resultados modestos e/ou negativos ao mau tempo do fim do inverno de 2012-2013.

Embora os níveis de atividade física não tenham aumentado significativamente em decorrência dos Jogos, as instalações esportivas construídas no Leste de Londres como a Vila Atlética, o Estádio Olímpico e o Copper Box podem se constituir em legado positivo para região. De acordo com Nick Bitel, o presidente do Sport England, quando os dados de pesquisas forem liberados no final de 2013, teremos mais condições de fazer uma melhor avaliação dos impactos de Londres 2012. Também de acordo com o mesmo, estratégias de promoção do esporte e atividade física são executadas em ciclos de quatro ciclos de anos. Portanto, apenas depois deste último ciclo poderemos acessar com mais clareza o legado destes Jogos (SCOTT, 2013).

O estudo do Local Government Association (LGA) (2013) envolveu os councils⁵ (municípios/conselhos municipais) da

5 O termo “council”, no contexto do trabalho apresentado, não possui uma tradução literal em português. Considerando este contexto, nos parece que as traduções mais próximas são “município” e “conselho municipal”.

Inglaterra e País de Gales no início de 2013. O estudo obteve uma taxa de resposta de 29% (110 councils). Três quartos dos councils que participaram do estudo afirmaram que houve um aumento de indivíduos acessando os seus equipamentos e atividades esportivas. Já um terço observou aumento de envolvimento de pessoas com deficiência. Estes dados revelam uma maior participação do que durante o período Olímpico e Paralímpico, quando uma pesquisa semelhante revelou que apenas 44% dos councils declararam que houve aumento de envolvimento da população com atividades físicas e esportivas.

Também relacionado com o aumento de engajamento nos equipamentos esportivos dos councils, o estudo do LGA revela que, quando comparado com o mesmo período em 2011, houve aumento na popularidade no atletismo (50%), ciclismo / BMX (51%), vôlei de praia (50%), natação (48%), ginástica (35%) e handball (50%). No setor paralímpico os maiores saltos foram observados no hipismo (33%), goalball (31%), ciclismo (25%) e boccia (23%). Os aumentos também foram observados em esportes não olímpicos e paraolímpicos. Aumentou a frequência em academias (55%) e participação em aulas de fitness (62%). A melhora dos níveis de participação nestas atividades oferece uma oportunidade interessante de estudo para se entender o que causou esta mudança em escala nacional. Devido a esse aumento na participação, os councils que participaram da pesquisa estão tomando medidas para tentar lidar com as demandas, aumentando a sua capacidade de atendimento e oferecendo sessões adicionais de práticas de atividade física e esportivas. Eles estão também investindo em novas instalações e aplicando mais

recursos para melhorar a prestação de serviços ao público. Além disso, estão aumentando o número de técnicos e buscando melhorar a formação dos mesmos.

Como se pode observar nos parágrafos acima, existe uma contradição entre os dados fornecidos pelas autoridades locais (municipais) através do estudo do LGA, e os dados coletados e analisados pelo APS. Ou seja, os dados relativos aos municípios são mais otimistas do que os dados nacionais. Vale lembrar que no caso do LGA, somente 29% dos councils responderam a pesquisa. Além disso, os poucos que participaram podem ser exatamente os mais pró-ativos na construção e manutenção de equipamentos esportivos e na promoção de atividades físicas e esportivas. Talvez tenha sido esta característica dos councils e não necessariamente os Jogos Olímpicos e Paralímpicos que tenham promovido os níveis de atividade física da população. Abordaremos abaixo algumas outras limitações das pesquisas citadas acima para que, no futuro, quando idealizarmos pesquisas com metas similares, evitemos os mesmos erros.

No caso do APS, pode ter havido algumas dificuldades de interpretação ou confusão em relação às categorias do esporte, por parte dos sujeitos da pesquisa, quando os mesmos responderam questões relativas aos graus de envolvimento com atividade física. O instrumento de coleta de dados divide os tipos de atividade física em categorias. É a partir das mesmas que se comparam os níveis de atividade física de um ano para o outro. Esta divisão, no entanto, não reflete a realidade de muitas localidades. Por exemplo, os termos *"body attack"*, *"body combat"*, e *"boxercise"* foram representados como três categorias distintas. No entanto, elas são consideradas uma

coisa só em muitas academias. Isto dificulta uma comparação confiável tanto nos dados coletados em diferentes localidades, quanto na mesma localidade em diferentes períodos de tempo. Outro problema do APS é que ele não segue os mesmos participantes anualmente. Novos participantes são incluídos aleatoriamente. Estes, por sua vez, podem ter diferentes interpretações das questões da pesquisa. Além disto, embora a amostra tenha sido oficialmente considerada representativa -aproximadamente 163 mil adultos com mais de 16 anos participaram da APS6 – pode-se questionar se ela é de fato representativa uma vez que os dados foram coletados exclusivamente por telefone. Variáveis tais como a não existência de uma linha fixa em casa, horário de trabalho, ausência no horário da tentativa de contato, nível de vulnerabilidade social do entrevistado, podem ter afetado a participação de determinados grupos de indivíduos no estudo.

Outra limitação da pesquisa é que os dados são segmentados em participação de 30 minutos uma vez por semana ou por mês. Estes parâmetros não são consistentes com as recomendações oficiais de se fazer pelo menos 150 minutos de atividade física moderada por semana. Ainda assim, são estes parâmetros que estão servindo de base para se medir o legado de participação em atividade física a partir dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Londres 2012. Ressaltamos, no entanto, que embora o APS tenha estas limitações, se estas forem endereçadas e os dados utilizados corretamente, em conjunto com outras fontes de dados, esta pesquisa pode se constituir em importante recurso para se verificar as mudanças (ou ausência de mudanças) dos níveis envolvimento da população em atividades físicas e esportivas.

Recomendações para a construção de legados esportivos

Sintetizamos, a seguir, recomendações presentes na literatura, para a construção de legados esportivos positivos em decorrência da realização de megaeventos esportivos:

- O planejamento de legados deve consistente com o planejamento e estratégias de desenvolvimento mais amplas dos países e/ou cidades sede (CASHMAN, 1998; COALTER, 2004; HUGHES, [2010?]; THE WORK FOUNDATION, 2010; WEED *et al.*, 2009).
- O planejamento deve levar em consideração as necessidades e interesses das comunidades locais (COAKLEY, SOUZA; 2013; COALTER, 2004; HUGHES, [2010?]; TRUÑO, 2005), bem como enfatizar metas de longo prazo (COAKLEY; SOUZA, 2013; COALTER, 2004; DONNELLY *et al.*, 2008; HUGHES, [2010?]; PREUS, 2006; THE NEW ZEALAND TOURISM INSTITUTE, 2007).
- A gestão e as ações decorrentes do planejamento devem ser coordenadas para a construção dos legados previstos (THE WORK FOUNDATION, 2010).
- As estruturas e equipamentos criados e/ou reformados para os eventos devem ser acessíveis à população e bem mantidos no longo prazo (HINDSON; GIDLOW; PEEBLES, 1994; WEED *et al.*, 2009).
- Governos e instituições ligadas ao esporte devem otimizar a cobertura

miidiática destinada aos megaeventos objetivando alavancar o desenvolvimento do esporte e a difusão da AF no país (COALTER, 2004; HINDSON; GIDLOW; PEBBLES, 1994).

- Deve-se tomar cuidado com estratégias de promoção do esporte através de imagens que retratam o desempenho de atletas de alto nível, uma vez que a diferença percebida entre o que o indivíduo consegue realizar e o que o atleta de alto rendimento realiza pode inibir a prática esportiva (HINDSON; GIDLOW; PEBBLES, 1994).
- Órgãos governamentais e instituições ligadas ao esporte precisam capitalizar acima da inspiração gerada pelos megaeventos no sentido de promover o engajamento, no longo prazo, em atividades físicas e esportivas por parte da população. Para isto, necessitam disponibilizar infraestrutura bem como programas e profissionais para orientar as práticas (COALTER, 2004; DONNELLY *et al.*, 2008; UK SPORT, 2011).
- A fase de preparação para os megaeventos esportivos deve motivar a produção de novos conhecimentos relativos à atividade física e esporte e o desenvolvimento de políticas de ciência, tecnologia e inovação nestas áreas (MASCARENHAS; SILVA, 2012).
- Deve-se aproveitar o momento para a divulgação de valores

olímpicos⁶ (GAFNEY, 2010; RUBIO, 2009), colocando o esporte e seus valores a favor do desenvolvimento humano (VIGOR; MEAN; TIMS, 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise da literatura concluímos que não existem evidências científicas suficientes capazes de correlacionar a realização de megaeventos esportivos com o aumento dos níveis de AF da população. Em relação às pesquisas desenvolvidas sobre a temática, percebemos que as mesmas são extremamente complexas, dado às inúmeras variáveis que interferem com o processo de engajamento em atividades físicas e esportivas e dificuldades metodológicas comuns a estudos epidemiológicos. Estudos qualitativos poderiam vir a complementar os resultados de estudos quantitativos como o APS. Dados coletados com agentes ligados ao esporte, em uma perspectiva qualitativa, poderiam também se constituir em fontes valiosas de informação no sentido de gerar uma melhor compreensão de experiências passadas e contribuir para com o planejamento de ações para o futuro objetivando a promoção de legados esportivos positivos.

Quando pensamos na construção de um legado esportivo positivo para o Brasil, a partir da realização da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos, sabemos que o país precisa muito mais do que a criação de estruturas e programas que possibilitem e incentivem práticas de atividades

6 De acordo com o Comitê Olímpico Internacional, os valores olímpicos englobam a excelência, o respeito e a amizade (IOC, 2009).

físicas e esportivas. O país necessita de mudanças estruturais em diferentes áreas como, por exemplo, saúde, nutrição, condições de trabalho e habitação, e disponibilidade de tempo para o lazer. Sem estes quesitos fica difícil, se não impossível, o engajamento da população nestas práticas. O Brasil precisa também de um planejamento para a construção de legados integrados com as metas maiores de desenvolvimento da nação. Este planejamento deve incluir a manutenção e o acesso às estruturas criadas e o desenvolvimento de programas esportivos no longo prazo. Se não for feito nada neste sentido, ao término dos megaeventos concluiremos que os mesmos não contribuíram em nada para com o desenvolvimento do país e do esporte no país. Talvez concluamos que eles contribuíram tão somente para promover gastos públicos e a riqueza de empreiteiros, políticos e empresários de áreas estratégicas ligadas aos megaeventos.

REFERÊNCIAS

- CASHMAN, R. **Olympic Legacy in an Olympic City**: monuments, museums and memory. In: INTERNACIONAL SYMPOSIUM FOR OLYMPIC RESEARCH, 4, p. 107-114, 1998.
- CHALIP, L. Beyond Impact: A General Model for Host Community Event Leverage. In: RITCHIE, B.; ADAIR, D. (Ed.). **Sport Tourism: Interrelationships, Impacts and Issues**. Clevedon: Channel View Publications, 2004, p. 226-252.
- COAKLEY, J. A.; SOUZA, D. L. Sport mega-events: can legacies and development be equitable and sustainable? **Motriz**, v. 19, n. 3, p. 580-589, 2013. .
- COALTER, F. Stuck in the Blocks? A sustainable sporting legacy? In: VIGOR, A.; MEAN, M. TIMS, C. **After the Goldrush: a sustainable Olympics for London**. London: IPPR and DEMOS, 2004.
- Cowan Global. **'Blame the data and remove the goalposts'**, 2011. Disponível em: <http://cowanglobal.com/tag/physical-activity>. Acesso em: 9/08/2013)
- DEPARTMENT FOR CULTURE, MEDIA AND SPORT. **Our Promise for 2012**:How the UK will benefit from the Olympic Games and Paralympic Games. Londres: 2007. Disponível em: <http://epress.lib.uts.edu.au/dspace/bitstream/handle/2100/449/Ourpromise2012.pdf?sequence=2>>. Acesso em: 12 mar. 2012.
- _____. **Creating a sporting habit for life: a new youth sport strategy**. Londres: 2012. Disponível em:http://www.culture.gov.uk/images/publications/creating_a_sporting_habit_for_life.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2012.
- DONNELLY, P. Opportunity Knocks!: Increasing Sport Participation in Canada as a Result of Success at the Vancouver Olympics. **Centre for Sport Policy Studies Position Paper Series**, n. 2. Toronto: Centre for Sport Policy Studies, Faculty of Kinesiology and Physical Education, University of Toronto. 2008.
- ED COMS. **London 2012 legacy research: final report**. 2007.
- GAFFNEY, C. Mega-events and socio-spatial dynamics in Rio de Janeiro, 1919-2016. **Journal of Latin American Geography**, v. 9 n. 1, p. 7-29, 2010.
- GIRGINOV, V.; HILLS, L. A sustainable sports legacy: creating a link between the London Olympics and sports

- participation. **The International Journal of the History of Sport**, v. 25, n. 14, p. 2091-2116, 2008.
- HALL, C. M. Urban entrepreneurship, corporate interests and sports mega-events: the thin policies of competitiveness within the hard outcomes of neoliberalism. **The Sociological Review**, v. 54, issue supplement, dez., p. 59-70, 2006.
- HINDSON, A.; GIDLOW, B.; PEEBLES, C. The 'trickle-down' effect of top level sport: myth or reality? A case study of the Olympics. **Australian Leisure and Recreation**, v. 4, n. 1, p. 16-24, 1994.
- HUGHES, Kate. **Mega sport events and the potential to create a legacy of sustainable sports development: Olympic promise or Olympic dream? [2010?]**.
- INTERNACIONAL OLYMPIC COMMITTEE (IOC). **Conclusions and recommendations**. In: International Symposium on Legacy of the Olympic Games, 1984-2000. IOC, 2003a.
- _____. **Olympic Charter**. IOC, 2003b.
- _____. **Olympic Charter**. IOC, 2004.
- _____. **The Olympic Values Education Programme**. IOC, 2009.
- LOCAL GOVERNMENT ASSOCIATION (2013). **Councils report big rise in sports participation post-Olympics**. LGA media release 8 March 2013. Disponível em: http://www.local.gov.uk/web/guest/media-releases/-/journal_content/56/10180/3905304/NEWS. Acesso em: 31 out. 2013.
- LONDON EAST RESEARCH INSTITUTE. **A lasting legacy for London?** Assessing the legacy of the Olympic Games and Paralympic Games. Greater London Authority: London, 2007.
- MALFAS, M.; THEODORAKI, E.; HOULIHAN, B. Impacts of the Olympic Games as mega-events. **Municipal Engineer**, v. 157, n. 3, p. 209-220, 2004.
- MASCARENHAS, F.; SILVA, A. M. S. A academia vai ao Olimpo: por uma política de ciência, tecnologia e inovação em esporte e lazer. **Revista EF Deportes**, Buenos Aires, v. 17, n. 171, ago. 2012.
- MCCARTNEY, G. et al. The health and socioeconomic impacts of major multi-sport events: systematic review (1978-2008). **British Medical Journal**, v. 340, n. 2369, 2010.
- PAPPOUS, A. Do the Olympic Games lead to a sustainable increase in grassroots sport participation? A secondary analysis of Athens 2004. In: SAVERY, J.; GILBERT, K. (Ed.). **Sustainability and sport: sport and society**. Common Ground: Illinois, 2011. p. 81-89.
- PREUSS, H. Lasting Effects of Major Sporting Events. **Institute of Sport Science**, Germany, 2006.
- ROCHE, M. **Mega-events and modernity: Olympics and expos in the growth of global culture**. New York: Routledge, 2000.
- RUBIO, K. O Legado educativo dos megaeventos esportivos. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, v. 21, n. 32-33, p. 71-88, 2009.
- SCOTT, E. R. Significantly fewer people now playing sport regularly than before last year's Olympic Games. **The Independent**, 14 jun. de 2013. Disponível em: <http://www.independent.co.uk/news/uk/politics/significantly-fewer-people-now-playing-sport-regularly-than-before-last-years-olympic-games-8658107.html>. Acesso em: 14 jun. 2013.

- SPORT ENGLAND. **Active People Survey**. Disponível em: http://archive.sportengland.org/research/active_people_survey.aspx. Acesso em: 29 out. 2013.
- THE NEW ZEALAND TOURISM RESEARCH INSTITUTE. **The benefits of events: an annotated bibliography**. AUT University, 2007.
- THE WORK FOUNDATION. **A Lasting Legacy: How can London fully exploit the opportunities created by the Olympic Games in the recovery and to 2030?** London: The Work Foundation, 2010.
- THORNTON, G. **Meta-Evaluation of the Impacts and Legacy of the London 2012 Olympic Games and Paralympic Games**. Final Report (Report 4: Interim Evaluation), 2012.
- TRUÑO, E. **Barcelona: city of sport**. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics UAB. Disponível em: http://olympicstudies.uab.es/pdf/wp039_eng.pdf. Acesso em: 30 out. 2013.
- UK SPORT. **The inspirational effect of major sporting events**. UK Sport, 2011.
- VEAL, A. J.; TOOHEY, K. **Sport for all & the legacy of the Sydney 2000 Olympic Games**. In: INTERNACIONAL EVENT MANAGEMENT RESEARCH CONFERENCE, 3, Sydney, 2005.
- VEAL, A. J.; TOOHEY, K.; FRQWLEY, S. The sport participation legacy of the Sydney 2000 Olympic Games and other international sporting events hosted in Australia. **Journal of policy research in tourism, leisure and events**, v.4, n. 2, p.155-184, 2012.
- VIGOR, A.; MEAN, M. TIMS, C. **After the Goldrush: a sustainable Olympics for London**. London: IPPR and DEMOS, 2004.
- WEED, M. How will we know if the London 2012 Olympics and Paralympics benefit health? **British Medical Journal**, v. 340, n. 2202, p. 1205-1210, 2010.
- WEED, M. *et al.* **A systematic review of the evidence base for developing a physical activity and health legacy from the London 2012 Olympic and Paralympic Games**. Canterbury, UK: Centre For Sport, Physical Education & Activity Research (SPEAR), Canterbury Christ Church University, 2009.
- WEED, M. *et al.* Developing a physical activity legacy from the London 2012 Olympic and Paralympic Games: a policy-led systematic review. **Perspectives in Public Health**, v. 132, n. 75, p. 75-80, 2012.
- WHITSON, D.; HORNE, J. Underestimated costs and overestimated benefits? Comparing the outcomes of sports mega-events in Canada and Japan, **Sociological Review**, v. 54, p. 73-89, 2006.

SPORTING LEGACIES OF SPORTS MEGA-EVENTS: a review of the available literature

ABSTRACT

The goal of this paper is to present a literature review about sport legacies of sports mega-events. We used the following key-words and their equivalents in Portuguese: "sport mega-events", "legacy", "sport legacy". We present the main empirical academic studies available, dedicating especial attention to "London 2012". We also synthetize recommendations for the development of positive sport legacies to future host cities/countries. We conclude that the nature of research on this theme is extremely complex and that there isn't enough scientific evidence showing a correlation between the realization of mega-events and the involvement of people with sports and physical activity.

Keywords: Sports mega-events; Sport legacies; Literature review.

Recebido em: outubro/2013
Aprovado em: novembro/2013